

TENANI, L. Vírgula não é pausa? Contribuições da prosódia para o ensino da pontuação. ReVEL, v. 24, n. 47, 2026. [www.revel.inf.br].

Vírgula não é pausa? Contribuições da prosódia para o ensino da pontuação¹

Luciani Tenani²

luciani.tenani@unesp.br

RESUMO: Neste artigo, trato da relação entre a prosódia e pontuação em textos produzidos em ambiente escolar para problematizar a visão do senso comum de que a vírgula serve para transcrever pausas. Com base nos estudos sobre a interface entre sintaxe e fonologia, defendo que ausências e presenças não convencionais de sinais de pontuação, principalmente a vírgula, têm estreita relação com fronteiras de constituintes prosódicos. A partir da análise de uma narrativa produzida por um aluno do 7º ano do Ensino Fundamental, traço o percurso que mapeia e categoriza as posições em que os sinais foram ou deixaram de ser empregados. Ao longo da análise, argumento que as ausências não convencionais de vírgula (frequentes em vocativos e adjuntos deslocados) associam-se a limites internos e não finais do sintagma entoacional. Em contrapartida, as presenças não convencionais de vírgula (no lugar do ponto final) coincidem com fronteiras terminais de constituintes mais altos da hierarquia prosódica, especificamente o enunciado fonológico. Essas análises são embasadas estudos quantitativo e qualitativo feitos a partir do mesmo banco de textos escritos. Apresento uma síntese desses estudos de maneira a visualizar regularidades quanto aos empregos da vírgula em corpora transversais e longitudinais de textos escolares. Concluo propondo ressignificar a noção tradicional de “erro” de pontuação como índice atraso escolar para adotar a visão segundo a qual é possível detectar hipóteses linguísticas sobre relações entre escrita e prosódia. Aponto, por fim, a necessidade e o desafio de aproximar esses conhecimentos linguísticos dos docentes que atuam na educação básica.

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia; Prosódia; Pontuação; Língua Portuguesa.

ABSTRACT: This article examines the relationship between prosody and punctuation in texts produced in school settings, challenging the widespread assumption that the comma transcribes pauses in speech. Drawing on research on the syntax–phonology interface, I argue that unconventional omissions and uses of punctuation marks, especially commas, are closely related to prosodic constituent boundaries. Through an analysis of a narrative written by a seventh-grade student, I map and categorize the positions in which punctuation marks were used or omitted. The analysis shows that unconventional comma omissions, which occur frequently with vocatives and dislocated adjuncts, are associated with internal, nonfinal boundaries of the intonational phrase. By contrast, unconventional comma insertions, including commas used in place of periods, coincide with terminal boundaries of higher-level constituents in the prosodic hierarchy, specifically the phonological utterance. These findings are further supported by quantitative and qualitative analyses

¹ Declaração de uso de ferramentas de assistência: a autora declara que utilizou o Microsoft 365 Copilot — Copilot no Word, Microsoft Corporation, para revisão linguística do resumo em inglês, e o ambiente computacional de análise documental Gemini Notebook, Google Corporation, como ferramenta para organização, sistematização de fonte e tabulação de dados comparativos. A fundamentação teórica, a interpretação crítica do conteúdo produzido, a revisão textual e as conclusões são de responsabilidade exclusiva e integral da autora.

² Doutora em Linguística; Universidade Estadual Paulista - Unesp.

of the same corpus of student writing. I synthesize the results of these studies to identify systematic patterns of comma use across cross-sectional and longitudinal corpora of student texts. I conclude by proposing that the traditional notion of punctuation “error” be reframed: rather than treating such forms as indicators of developmental delay, they can be understood as evidence of learners’ linguistic hypotheses about the relationship between writing and prosody. Finally, I emphasize both the need and the challenge of making this linguistic knowledge accessible to teachers in basic education.

KEYWORDS: Phonology; Prosody; Punctuation Marks; Portuguese.

Introdução

No senso comum sobre linguagem, é considerado difícil uma pessoa fazer a leitura oral de um texto escrito para expressar os sentidos dos enunciados. Igualmente difícil ou penosa pode ser a tarefa de pontuar textos escritos. Uma escuta atenta de quem faz essas afirmações leva a identificar alguma insegurança quanto aos usos considerados convencionais de sinais de pontuação, por um lado, e certo desconhecimento de características prosódicas da fala, por outro lado.

Ainda nesse senso comum, encontramos perguntas como “Quando tem vírgula, fazemos uma pausa?” ou “Quando fazemos pausa, colocamos vírgula no texto?” Essas questões sugerem que características da fala, como a pausa, são diretamente representadas na escrita. Também essa concepção se mostra quando considerada a relação entre escrita e fala no que diz respeito à leitura de textos escritos: características da escrita (como o sinal gráfico vírgula) estão associadas a apenas uma manifestação na fala (como a pausa silenciosa). Seja ao escrever, seja ao ler, haveria certa transparência entre os enunciados falados e escritos.

Argumentaremos contrariamente a essa visão, porque tipicamente se limita uma relação direta entre as materialidades fônica e gráfica dos enunciados falados e escritos. Defenderemos que relações entre fala e escrita (quando escrevemos) e entre escrita e fala (quando lemos) estão articuladas entre si e se assentam em **representações** de características do sistema linguístico (sendo a prosódia uma dessas características) pelo sistema de escrita (que inclui os usos dos sinais de pontuação, por exemplo). Essa perspectiva – ancorada, principalmente, em Chacon (1998) e Corrêa (2004) – concebe que as relações entre fala e escrita são historicamente situadas e socialmente construídas. A essa perspectiva teórica, retornaremos na penúltima seção deste artigo.

Na próxima seção, apresentamos um texto escrito no ensino fundamental que será o objeto de descrição e análise neste artigo. Nosso objetivo central é, por meio da análise desse texto, mostrar – na segunda seção – como certas características prosódicas dos enunciados podem ser detectadas não só a partir dos sinais de pontuação empregados, mas também a partir de possibilidades de empregos desses sinais.

Guiarão esse percurso analítico dos enunciados escritos as abordagens teóricas e metodológicas que serão apresentadas – na terceira seção deste artigo – por meio da síntese de um conjunto de pesquisas feitas com amostras transversais e longitudinais de textos selecionados de um mesmo banco de escrita do ensino fundamental II do qual extraímos o texto a ser analisado.

À guisa de conclusão, sumaremos os conceitos de prosódia e das relações entre fala e escrita, além de sistematizarmos potenciais contribuições da abordagem proposta para a interpretação dos usos da pontuação em textos escolares, visando, dessa maneira, oferecer subsídios ao ensino de língua portuguesa.

1. Pontuação em texto escolar

A fim de embasar a abordagem que propomos sobre prosódia e pontuação para analisar textos escritos por alunos em ambiente escolar, apresentamos, na Figura 1, um texto manuscrito por um aluno do sétimo ano do ensino fundamental de uma escola pública paulista. No Quadro 1, encontra-se uma leitura possível para esse texto, com empregos de sinais de pontuação e alterações ortográficas e gramaticais baseadas em uma interpretação do texto.³ São enumerados os lugares onde sinais de pontuação foram empregados e aqueles onde deveriam ou poderiam ser empregados. No decorrer da análise, serão explicitadas as possibilidades alternativas de pontuação.

³ Vale observar que o texto contém grafias diversas que não seguem as convenções ortográficas. De um ponto de vista descritivo, essas grafias não convencionais envolvem as representações de vogais átonas (“tênis”, “esquenta”) e consoantes (“cochichando”, “guerra”, “passando”), ausências de acento gráfico (“você”, “só”), hipossegmentação (“pra cima”) e hipersegmentação (“enquanto”). Também a concordância de número entre elementos da oração não segue as convenções escritas (“as pessoas ficarem olhando”).

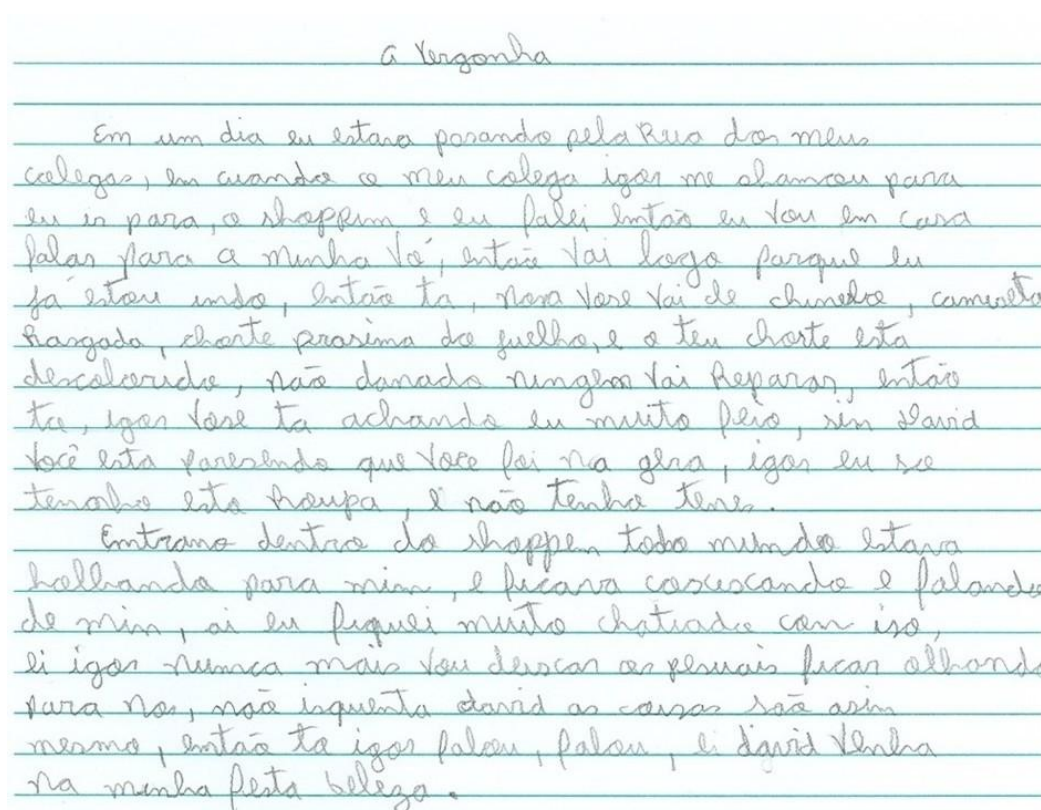


Figura 1: Texto com grafia e pontuação não convencionais

Fonte: ZO9_6E_10M_02, selecionado de Tenani (2015)

A Vergonha

Em um dia,¹ eu estava passando pela rua dos meus colegas,² quando o meu colega Igor me chamou para eu ir para³ o shopping.⁴ E eu falei:⁵ “Então tá,⁶ eu vou em casa falar para a minha vó.”⁷ “Então vai logo,⁸ porque eu já estou indo.”⁹ “Então tá.”¹⁰ “Nossa,¹¹ você vai de chinelo,¹² camiseta rasgada,¹³ short pra cima do joelho¹⁴ e o teu short está descolorido.”¹⁵ “Não dá nada,¹⁶ ninguém vai reparar.”¹⁷ “Então tá,¹⁸ Igor,¹⁹ você está achando que eu estou muito feio?”²⁰ “Sim,²¹ David.²² Você está parecendo que você foi na guerra.”²³ “Igor,²⁴ eu só tenho esta roupa²⁵ e não tenho tênis.”²⁶

Entrando dentro do shopping,²⁷ todo mundo estava olhando para mim²⁸ e ficava cochichando e falando de mim.²⁹ Aí eu fiquei muito chateado com isso.³⁰ “Ei,³¹ Igor,³² nunca mais vou deixar as pessoas ficarem olhando para nós.”³³ “Não

esquenta,³⁴ David,³⁵ as coisas são assim mesmo.”³⁶ “Então tá,³⁷ Igor, ³⁸ falou.³⁹
 Falou.⁴⁰ “Ei,⁴¹ David,⁴² venha na minha festa.”⁴³ “Beleza.” ⁴⁴

Quadro 1: Leitura possível do texto da Figura 1

No quadro 1, as posições onde sinais de pontuação deveriam ou poderiam ser empregados são indicadas com base no cotejo de manuais de pontuação, como Luft (1998), de gramáticas normativas, como Bechara (1999), Cunha e Cintra (2001), Rocha Lima (1986). Essas gramáticas listam, predominantemente, fronteiras sintáticas e relações de sentidos dos enunciados para formularem dois tipos de regras quanto ao uso de um sinal: as obrigatórias e as optativas. Portanto, de partida, há estruturas cujos limites podem ou não receber sinais de pontuação.

Essa opcionalidade abrange, predominantemente, o uso da vírgula (como discutido por Araújo Chiuchi (2012), Soncin (2014), Paiva (2021)) e diz respeito a escolhas do escrevente quando consideradas as funções dos sinais de pontuação, a extensão dos constituintes sintáticos, as possibilidades de sentidos dos enunciados. A fim de ilustrar dois desses tipos de escolhas, apresentamos, em (1), um trecho do texto da figura 1 (corrigidos os erros ortográficos). Em (2), reapresentamos a pontuação proposta no Quadro 1 para esse trecho. Em (3), propomos outra pontuação para representar a interlocução entre as personagens da narrativa, na medida em que o travessão e a mudança de linha no lugar das aspas passam a indicar a troca de turno. Essa proposta implica outra organização verbo-visual dos enunciados, embora sejam as mesmas sequências de palavras e os mesmos lócus a serem pontuados. Em (4), visualizamos a alteração da pontuação: no lócus (38), do sinal ponto para o sinal vírgula, e no lócus (43) do sinal ponto para o sinal vírgula; e, relacionado a essa alteração, foi alterado o sinal do lócus (44): de ponto para o sinal de interrogação - que pode combinado, ou não, com o sinal de exclamação, por se tratar do final da interjeição. Essas alterações afetam a representação da troca de turno entre as personagens Igor (I) e David (D) e, ainda, o conteúdo dos enunciados.

(1) então tá Igor falou, falou, ei David venha na minha festa beleza.

(2) “Então tá,³⁷ Igor.”³⁸ “Falou.”³⁹ “Falou.”⁴⁰

“Ei,⁴¹ David,⁴² venha na minha festa.”⁴³ “Beleza.”⁴⁴

(3)

(D) - Então tá,³⁷ Igor.³⁸

(I) - Falou.³⁹

(D) - Falou.⁴⁰

(I) - Ei,⁴¹ David,⁴² venha na minha festa.⁴³

(D) - Beleza.⁴⁴

(4)

(D) - Então tá,³⁷ Igor,³⁸ falou.³⁹

(I) - Falou.⁴⁰

(I) - Ei,⁴¹ David,⁴² venha na minha festa,⁴³ beleza!?⁴⁴

Da comparação entre (2) e (3), constatamos que a seleção do sinal aspas ou travessão não afeta a representação dos enunciados da mesma maneira que se observa quando comparamos (3) e (4). Interessa destacar que o ponto no lócus (38), da proposta (3), delimita “falou” como uma afirmação de Igor, enquanto a vírgula no lócus (38), da proposta (4), inclui “falou” como parte da enunciação de David. Também no lócus (43), há duas opções de interpretação e, assim, diferentes sinais podem ser empregados. O sinal pode ser ponto e representa o fim do enunciado de Igor e essa escolha implica alterar o sinal no lócus (44) de maneira que o enunciado “beleza” fica delimitado por pontos, representando-se a resposta afirmativa de David ao convite de Igor, como indicado em (3). Alternativamente, o sinal pode ser a vírgula no lócus (43), quando a interjeição “beleza” for interpretada como parte da enunciação de Igor: “Ei, David, venha na minha festa, beleza!?” – como em (4). Essa interpretação afeta a pontuação do lócus (44), pois se pode atribuir um sinal de interjeição seguido de interrogação, em razão de se tratar de um convite de Igor a David.

A escolha entre a representação (3) ou (4) pode ser embasada na identificação de certa regularidade quanto às presenças e ausências de vírgulas no texto da Figura 1

quando consideradas não apenas as relações sintáticas e de sentidos dos enunciados, mas especialmente os constituintes prosódicos que podem ser previstos com base no arcabouço teórico da Fonologia Prosódica, sobre o qual trataremos na próxima seção.

2. Pontuação e prosódia

Passamos a tratar mais diretamente de relações entre escrita e prosódia. Iniciamos pela análise sintática e interpretação do texto a fim de detectar regularidades quanto aos sinais de pontuação. Essas regularidades podem ser sistematizadas a partir das categorias de ausências e presenças de sinais de pontuação elaboradas por Tenani e Fernandes-Svartman (2026, p. 146). No Quadro 2, encontram-se classificadas as presenças e as ausências de sinais do texto da Figura 1, com base na proposta de pontuação apresentada no Quadro 1.

Categorias		Ocorrências	Nº	Totais
Ausência de Sinal	de vírgulas	01, 06, 08, 11, 16, 18, 19, 21, 22, 24, 27, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 41, 42,	19	21
	de ponto	43	01	
	de dois pontos	05	01	
Presença Convencional	de ponto	26, 44	02	05
	da vírgula	02, 12, 13,	03	
Presença Não Convencional da Vírgula	onde não deveria ter sinal	03, 14, 25, 28	04	18
	onde previsto outro sinal de pontuação	04, 07, 09, 10, 15, 17, 20, 23, 29, 30, 33, 36, 39, 40	14	

Quadro 2: Classificação de ausências e presenças de sinais do texto da Figura 1

Fonte: elaboração própria

No Quadro 2, são classificados 44 lócus em que sinais de pontuação podem ser empregados no texto da Figura 1, dos quais 47,7% são lócus em que o sinal não foi empregado e 52,2% em que algum sinal foi empregado, e, nesse conjunto, apenas 11,3% podem ser considerados convencionais. Nesse texto, há mais usos de sinais de pontuação do que ausências desses sinais, embora a maior parte desses usos seja não convencional.

As ausências não convencionais de sinais de pontuação tipicamente são ausências de vírgulas (19 lócus que correspondem a 43,1% do total). As vírgulas são previstas na delimitação de enunciados vocativos (ausências de 13 vírgulas ou 29,5% dos dados – lócus 18, 19, 21, 22, 24, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 41, 42), estruturas deslocadas à esquerda (lócus 01 e 27), expressões de caráter interjetivo (lócus 11) ou conectores discursivos (ocorrência 06), orações coordenadas assindéticas (lócus 16) e oração subordinada adverbial causal (lócus 08).

As cinco presenças convencionais dos sinais ocorrem quando há as seguintes estruturas: uma na fronteira entre oração principal e oração subordinada adverbial temporal (lócus 02) e duas ocorrências (lócus 12 e 13) de vírgulas que separam termos coordenados dentro de uma enumeração, com a mesma função sintática de adjunto adverbial de modo; duas ocorrências de ponto em final de enunciado declarativo.

As presenças dos sinais que não são convencionais chegam a 40,9% dos dados nesse texto e se caracterizam pela presença da vírgula onde não deveria existir um sinal (quatro ocorrências) e pela seleção de um sinal quando outro é previsto (14 ocorrências). Nesses últimos casos, houve uma vírgula no lugar do sinal de interrogação (lócus 20) e 13 ocorrências de vírgula onde previsto o sinal ponto, casos esses que alcançaram 29,5%, o segundo tipo que mais ocorreu nesse texto.

Da descrição ora realizada, destacamos a regularidade de os dados não convencionais serem tipicamente formados por: (i) ausências de vírgulas e (ii) presenças de vírgula quando previsto ponto. Essas ausências e presenças têm, de nossa perspectiva, forte relação com a configuração prosódica dos enunciados, como passaremos a argumentar.

A fim de abordar essa configuração, retomamos, da seção anterior, o enunciado (1) com a pontuação do aprendiz, o enunciado (2) com a pontuação proposta e apresentamos, em (5), a atribuição de fronteiras prosódicas de sintagmas entoacionais (IP) e enunciados fonológicos (U), dois constituintes prosódicos no português brasileiro relevantes para esta análise (Araújo-Chiuchi, 2012; Soncin, 2014; Carvalho, 2019). A análise sintática e semântica do enunciado em (5) permite identificar as fronteiras desses constituintes. A atribuição das fronteiras prosódicas

de IP e U é fundamentada nas descrições sobre variedades do português feitas por Tenani (2002), Fernandes (2007) e Serra (2009).

(1) então tá Igor falou, falou, ei David venha na minha festa beleza.

(2) “Então tá,³⁷ Igor.”³⁸ “Falou.”³⁹ “Falou.”⁴⁰

“Ei,⁴¹ David,⁴² venha na minha festa.”⁴³ “Beleza.”⁴⁴

(5) [[Então tá]^{IP} [Igor]^{IP}]^U [[Falou]^{IP}]^U [[Falou]^{IP}]^U

[[Ei]^{IP} [David]^{IP} [venha na minha festa]^{IP}]^U [[Beleza]^{IP}]^U

Os IPs compreendem estruturas sintáticas que correspondem a “(i) sentença raiz, (ii) elementos não anexáveis à estrutura da sentença raiz e (iii) elementos remanescentes de uma sentença raiz interrompida por elemento(s) anexado(s) a ela” (Tenani, 2021, p. 73). Esses IPs pertencem a um U, o maior domínio prosódico da hierarquia de constituintes prosódicos. Os limites dos Us “correspondem aos limites de sentença (maior constituinte sintático), onde pausas podem ocorrer.” (Tenani, 2021, p. 73). Fundamentalmente, esses são domínios de contornos entoacionais – por vezes delimitados por alongamentos e pausas – que agrupam palavras em porções que podem corresponder – mas não necessariamente – a sintagmas, orações e enunciados.

Desse modo analisado, os enunciados apresentam constituintes prosódicos cujos limites têm relação com a organização sintática e semântica do que se fala. Os constituintes têm fronteiras terminais, isto é, fronteiras que sintática e semanticamente expressam o fim de uma porção do fluxo de fala, como é o caso dos limites de IP que coincidem com limites de U, como os lócus (38), (39), (40), (43). São esses os limites que, em (5), são pontuados com vírgulas pelo aprendiz, exceto o lócus (43). Há constituintes com fronteiras não terminais, isto é, fronteiras que sintática e semanticamente correspondem a porções menores que constituem o enunciado. São esses os limites de constituintes que, em (5), correspondem a fronteiras sintáticas que não apresentam os sinais de pontuação previstos (cf. lócus 37, 41 e 42).

Dessa análise dos enunciados a partir dos algoritmos de formação dos constituintes IP e U, avançamos para traçar duas regularidades entre pontuação e fronteiras prosódicas no texto da Figura 1: (i) as ausências de vírgulas podem ser associadas às fronteiras de IP não finais (como os lócus 41 e 42); e (ii) as presenças de vírgula quando previsto ponto podem ser associadas às fronteiras de IP finais que coincidem com fronteiras de U (como os lócus 38 e 40). A hipótese que essa análise enseja é a de que fronteiras do constituinte mais alto da hierarquia prosódica corresponderão a fronteiras sintáticas que tenderão a receber sinal de pontuação e fronteiras de constituinte mais baixo nessa hierarquia corresponderão a fronteiras sintáticas que tenderão a não ter sinal de pontuação.

Essa hipótese é especialmente posta à prova se considerado o lócus (43). Como discutido na seção anterior, a interpretação da interação entre as personagens da narrativa leva a atribuir ponto no lócus (43), como apresentado em (3). Nessa interpretação “beleza” é um enunciado distinto da porção textual que lhe precede e, conseqüentemente, a fronteira sintática corresponderá a uma fronteira prosódica de U. No entanto, também apontamos em (4) outra possibilidade de interpretação de “beleza” e a consequência é essa interjeição fazer parte do enunciado que lhe precede, passando a fazer parte do mesmo U. Nessa chave interpretativa, a ausência da vírgula em (43) – atestada no texto do aluno – corresponderia a uma fronteira de IP não final.

Essa hipótese sobre possibilidades de relacionar ausências e presenças de sinais de pontuação em fronteiras sintáticas a tipos de fronteiras prosódicas podem ser confirmadas ou refutadas a partir de análise de um maior número de textos. Pesquisas com mais textos do ensino fundamental foram feitas, considerando-se o ano letivo e os gêneros textuais. Na próxima seção, sistematizamos os estudos feitos com textos semelhantes ao da Figura 1 a fim de apresentar resultados que embasam as contribuições da análise prosódica de enunciados para se analisar os manuscritos feitos por aprendizes de língua portuguesa no ensino fundamental.

Sobre a análise ora apresentada, é preciso explicitar que, embora não haja uma materialidade fônica correspondente ao texto escrito (como o da Figura 1), é possível prever sua configuração em constituintes prosódicos (dados os seus algoritmos de formação) – e por consequência – atribuir possibilidades de fraseamento prosódico.

É por meio da projeção desse fraseamento prosódico que resgatamos a dimensão fônica dos enunciados que também se mostra nos textos de aprendizes da escrita. Em outras palavras, o fraseamento que atribuímos aos enunciados são previstos a partir da interface entre sintaxe e fonologia – fundamentada o quadro da Fonologia Prosódica, no modelo *relation based* de Nespor e Vogel (2007 [1986]) – e, portanto, não consistem em resultado da realização fonética desses mesmos enunciados.

Nesse quadro teórico, o fraseamento prosódico diz respeito à constituição de unidades da fala que não correspondem necessariamente a unidades sintáticas ou lexicais. Importa explicitar, ainda, que o fraseamento compreende a segmentação do fluxo da fala em unidades prosódicas relevantes para o processamento dos enunciados falados e lidos (Serra, 2016). Essa é uma das características prosódicas relevantes para a análise e a interpretação dos enunciados sejam eles falados, percebidos ou lidos. Exemplificamos, nesta seção, como esse conhecimento teórico é relevante – também – para identificar a segmentação dos enunciados escritos por meio de sinais de pontuação. Mostramos haver certas características das presenças não convencionais de sinais de pontuação, tipicamente associados a fronteiras de constituintes mais altos da hierarquia, ao mesmo tempo em que as ausências desses sinais podem ser associadas às fronteiras prosódicas de constituintes mais baixos da hierarquia. Desse modo, os constituintes da hierarquia prosódica, tal como descrito por Tenani (2002), Fernandes (2007) e Serra (2009) para variedades do português falado no Brasil, se mostram relevantes para detectar certas relações entre prosódia e escrita.

3. Estudar as relações entre pontuação e prosódia

A descrição e análise do texto da Figura 1 encontram respaldo em um conjunto maior de estudos feitos com textos extraídos do Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II constituído por 5.519 textos escritos por 652 alunos dos quatro últimos anos do Ensino Fundamental (FAPESP 2009/14848-6 e 2013/14546-5). Esses estudos que tratam sobre pontuação se valem de recortes da amostra transversal (formada por textos de diversos gêneros escritos por 470 alunos de sexto, sétimo, oitavo e nono anos coletados durante um mesmo ano letivo), ou da amostra

longitudinal (formada por textos produzidos por 182 alunos que frequentaram a mesma escola do sexto ao nono ano do ensino fundamental). Mais informações sobre esse banco se encontram em Tenani (2015). Uma síntese dessas pesquisas realizadas em nível de mestrado e doutorado sobre pontuação em textos desse banco se visualiza no Quadro 3.

Autor	Objeto	Corpus / Amostra	Quantidade de Dados
Araújo-Chiuchi (2012)	Vírgula não-convencional em textos narrativos	279 narrativas. 104 alunos / 6º ano	406 dados em todo tipo de estrutura
Soncin (2014)	Vírgula e prosódia discursiva em textos argumentativos	284 textos argumentativos. 71 alunos / 9º ano	1.258 dados em todo tipo de estrutura
Carvalho (2019)	Vírgulas em esquema simples e duplo em textos do tipo relato	248 relatos. 62 alunos acompanhados do 6º ao 9º ano	3.956 dados em todo tipo de estrutura
Paiva (2021)	Vírgula em esquema duplo em artigos de opinião	205 artigos de opinião. 115 alunos / 9º ano	381 dados em esquema duplo
Camillo (2023)	Esquema duplo em estruturas adverbiais em artigos de opinião	294 artigos de opinião. 98 alunos / 9º ano	722 dados em estruturas adverbiais
Francisco (2024)	Vírgula em esquema simples em narrativas	174 narrativas. 87 alunos acompanhados no 6º e 9º ano.	445 dados em esquema simples

Quadro 3: Estudos sobre pontuação em textos do Ensino Fundamental II

Fonte: Elaboração própria

Nos estudos listados no Quadro 3, encontram-se descrições de regularidades quanto à presença e ausência de sinais de pontuação em textos coletados em diferentes anos letivos. Em razão da natureza das amostras transversais e longitudinais do banco, diferentes recortes foram feitos de textos de diversas tipologias. Uma proposta analítica comum a esses estudos pode ser encontrada em Tenani e Soncin (2015). Nesse artigo, também é apresentada uma proposta pedagógica voltada ao ensino de pontuação e conceitos básicos de prosódia.

Passamos, a seguir, a uma sistematização dos principais resultados e das principais limitações detectadas pelas próprias autoras. Também apontamos as contribuições que cada pesquisa oferece aos interessados em aprofundar a investigação sobre prosódia e pontuação. Por meio dessa sistematização, objetivamos sugerir potenciais lacunas a serem investigadas.

(a) Araújo-Chiuchi (2012)

○ Principais Resultados Descritos:

Haver predominância do uso não-convencional pela ausência de vírgulas em relação à presença, conforme demonstrado no levantamento de 1.797 ocorrências. Nessa amostra, a ausência não-convencional representou 57,54% dos dados (1.034 ocorrências), enquanto a presença não-convencional respondeu por apenas 5,40% (97 ocorrências). No corpus de 279 narrativas (produzidas por 104 alunos), foram analisadas 406 ocorrências não-convencionais pela presença de vírgula. Desses 406 usos por presença, a maioria concentrou-se na fronteira do enunciado fonológico, somando 56,16% (228/406), seguida pela fronteira da frase entoacional, com 22,66% (92/406).

Além disso, ao distribuir os dados entre as três coletas do ano letivo (abrangendo 98 textos na primeira produção [P1], 91 na segunda produção [P2] e 90 na terceira produção [P3]), observou-se a diminuição progressiva dos usos não-convencionais da primeira proposta (aplicada no início do ano) para as últimas (aplicadas no fim do ano), com o índice de ocorrências não-convencionais caindo de cerca de 41,5% na P1 para aproximadamente 31% na P2 e 27% na P3, sugerindo um impacto positivo do processo de escolarização percorrido pelos estudantes ao longo do ano letivo.

○ Principais Limitações Relatadas:

Não aprofundar as questões relativas às especificidades do gênero textual ou à proposta de produção textual.

○ Principais Contribuições Apontadas:

Oferecer elementos descritivos sobre como alunos ingressantes no EF II lidam com a pontuação, contribuindo diretamente para o planejamento de práticas pedagógicas de ensino da vírgula.

(b) Soncin (2014)

○ Principais Resultados Descritos:

Predomínio de usos convencionais – com média de 59% [736/1.258] – sobre não-convencionais – com média de 42% [522/1.258] – no levantamento geral de 28

textos argumentativos. Nos usos não-convencionais, predomina a ausência de vírgulas com 33% (413/1.258) em relação à presença desse sinal – alcançou apenas 9% (109/1.258). Foi demonstrado que 85,8% [170/198] dos usos não-convencionais por presença coincidiram com a fronteira de frase entoacional, atuando como recurso discursivo de focalização e organização argumentativa.

- Principais Limitações Relatadas:

A acentuada flutuação e divergência entre as próprias gramáticas normativas de referência (Bechara, Rocha Lima, Cunha & Cintra) no estabelecimento dos usos obrigatórios, facultativos ou proibidos da vírgula.

- Principais Contribuições Apontadas:

Superar a visão dicotômica entre sintaxe e prosódia, demonstrando que os usos não-convencionais revelam a como características da oralidade integram a escrita, além de identificar elementos que respaldam como os aprendizes se ancoram em características prosódias da língua para construir a orientação argumentativa de seus textos.

(c) Carvalho (2019)

- Principais Resultados Descritos:

Do total de 3.956 ocorrências analisadas, 1.445 foram convencionais (37%), 2.232 foram não-convencionais por ausência (56%) e 279 foram não-convencionais por presença (7%). O esquema simples representa 90% dos dados do estudo (3.561/3.956). No âmbito do esquema simples, a proporção de usos convencionais aumenta significativamente do 6º ano, com 15% (219/1.422) para o 9º ano, com 46% (646/1.422). Em contrapartida, no esquema duplo — que abrange 10% dos dados da pesquisa (393/3.956) —, o uso não-convencional por ausência predomina em 94% dos casos (369/393), sem avanços substantivos ao longo do Ensino Fundamental II (sendo que as estruturas de deslocamento registraram omissão não-convencional em 98% das ocorrências (303/308 dados). A extensão longa (mais de cinco sílabas) dos constituintes a serem delimitado por vírgulas parece favorecer o uso convencional no esquema duplo.

- Principais Limitações Relatadas:

O número reduzido de dados de uso convencional em esquema duplo em estruturas deslocadas (apenas cinco ocorrências) na amostra longitudinal analisada.

- Principais Contribuições Apontadas:

Mapeamento longitudinal inédito do aprendizado do uso de vírgula no EF II, evidenciando quais estruturas são pontuadas convencionalmente a partir da escolarização (enumeração, coordenação) e quais permanecem sem aprender (deslocamento de estrutura à posição inicial de sentença e pontuação em esquema duplo).

(d) Paiva (2021)

- Principais Resultados Descritos:

Houve predomínio de usos não-convencionais em esquema duplo (87,4%, [333/381]), sendo apenas 12,6% convencionais (48/381 com vírgulas nas duas fronteiras). A ausência das vírgulas nas duas fronteiras das estruturas consideradas respondeu por 68,5% do total (261/381). Estruturas de deslocamento à esquerda (233 ocorrências) tiveram probabilidade significativamente maior de uso não-convencional (com 95% de chance estatística [221/233]) do que estruturas de encaixamento (148 ocorrências) com 76% de chance estatística [112/148]). Quando a estrutura é de encaixamento e coincide com a fronteira de frase entoacional, as chances de uso convencional sobem para 84% (26/36 ocorrências convencionais em encaixamentos apresentaram essa coincidência). A extensão curta (até cinco sílabas) induz fortemente à ausência não-convencional das vírgulas em esquema duplo, estando presente em 63,6% dos casos de omissão total (166/261 ausências) e em 60,6% do total de não-convencionais (202/333 dados).

- Principais Limitações Relatadas:

Os resultados encontrados sobre a colocação de vírgulas em esquema duplo se restringem a textos de gênero argumentativo produzidos por alunos do 9º ano do Ensino Fundamenta II. Faz-se necessário ampliar a investigação a produções de outros gêneros textuais e, ainda, produzidos por sujeitos em diferentes anos letivos.

- Principais Contribuições Apontadas:

Modelagem estatística avançada do comportamento do esquema duplo nos textos de 9º ano, comprovando quantitativamente que a sintaxe isoladamente não garante o uso convencional da vírgula sendo importante considerar a extensão das estruturas (em número de sílabas) e a fronteira da frase entoacional.

(e) Camillo (2023)

- Principais Resultados Descritos:

Constatou-se que 63% das estruturas adverbiais analisadas (455/722) correspondem à ausência total de vírgulas nas duas posições do esquema duplo e apenas 11,5% (83/722) ao uso convencional, ou seja, haver as vírgulas nas duas posições. Para as duas outras combinações, os resultados foram próximos: 14,7% (114/722) quando houve presença e ausência de vírgulas e 10,8% (70/722) quando houve ausência e presença de vírgula. Advérbios curtos de afirmação (como “sim”) e conectores adverbiais mostraram forte apelo enunciativo. Houve maior índice de marcação de vírgula na fronteira à esquerda do esquema duplo em uma de duas propostas comparadas que tinham temáticas distintas, mas mesmo gênero textual, o que sugere um efeito do tema e do desenvolvimento argumentativo sobre a colocação das vírgulas em esquema duplo.

- Principais Limitações Relatadas:

Dificuldades classificatórias quanto ao escopo do advérbio em sentenças complexas e forte variação induzida pelas especificidades temáticas e comandos de cada proposta de produção.

- Principais Contribuições Apontadas:

Mapeamento minucioso do funcionamento dos sintagmas adverbiais no 9º ano, sugerindo que a delimitação de locução adverbial ou advérbios por vírgulas atua diretamente na estruturação do enquadramento argumentativo e na interação discursiva.

(f) Francisco (2024)

- Principais Resultados Descritos:

Os empregos não-convencionais constituíram 69% dos dados (307/445, sendo 267 por ausência [60%] e 40 por presença [9%]), enquanto os convencionais atingiram 31% (138/445). O uso convencional subiu de 21% no 6º ano (40 de 192 ocorrências) para 39% no 9º ano (98/253). A coordenação de orações e a subordinação foram as estruturas sintáticas mais afetadas. A extensão da oração aditiva longa levou o aluno a fracionar a sentença em duas frases entoacionais, motivando o aparecimento da vírgula antes do 'e'.

- Principais Limitações Relatadas:

A necessidade de realização de um acompanhamento longitudinal contínuo (do 6º ao 9º ano) especificamente com a tipologia narrativa para isolar os efeitos da tipologia textual. No banco, havia textos dessa tipologia apenas no 6º e no 9º ano.

- Principais Contribuições Apontadas:

Estudo inédito sobre o esquema simples em textos de tipologia narrativa na amostra semi-longitudinal do banco de dados, complementando os achados de Carvalho (2019) sobre textos de tipologia relatos e argumentativa.

4. Considerações Finais

Concluimos este artigo salientando a importância de ressignificar o chamado “erro de pontuação”. A descrição das presenças e ausências das vírgulas em textos reais – como feita a partir do texto da Figura 1 – fornece subsídios para a formação docente de modo que professores da Educação Básica passem a ver os chamados “erros” de pontuação dos alunos como hipóteses legítimas de organização textual e de interlocução dos alunos com as propostas e com os textos mobilizados na elaboração textual.

A síntese de pesquisas realizadas com textos do Ensino Fundamental – como a apresentada no Quadro 3 – permite não apenas visualizar resultados, mas apresentar lacunas de temáticas a serem investigadas. Reiteramos, assim, a importância do conhecimento teórico-metodológico sobre prosódia para subsidiar investigações que sistematizem efeitos que características da estrutura prosódica do português possa ter na escrita do aprendiz.

Por fim, apontamos a necessidade de se desenvolver materiais didáticos e planejamentos de ensino sobre gêneros textuais e pontuação de maneira a dar acesso desses resultados de pesquisa a professores de português que atuam na Educação Básica.

Referências

ARAÚJO-CHIUCHI, Ana Carolina. *Usos não-convencionais da vírgula em textos de alunos da quinta série/sexta ano do ensino fundamental*. 2012. 91 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2012.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37^a ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999. 38^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

CAMILLO, Isadora Albanese. *Vírgulas em esquema duplo em artigos de opinião do nono ano do ensino fundamental II*. 2023. 95 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2023.

CARVALHO, Tainan Garcia. *Usos de vírgulas em textos do ensino fundamental II: um estudo longitudinal*. 2019. 174 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2019.

CHACON, Lourenço. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CORREIA, Manoel Luiz Gonçalves. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERNANDES, Flaviane Romani. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. 2007. 415 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

FRANCISCO, Isabela. *Vírgulas em esquema simples: usos em textos narrativos*. 2024. 84 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2024.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula: considerações sobre o seu ensino e o seu emprego*. São Paulo: Ática, 1998.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986. (Reimpressão: Berlin: Mouton de Gruyter, 2007).

PAIVA, Nayra Cristina. *Vírgulas em esquema duplo em textos do nono ano do EFII: aspectos sintáticos e prosódicos*. 2021. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2021.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 27ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

SERRA, Carolina Ribeiro. A interface prosódia-sintaxe e o fraseamento prosódico no português do Brasil. *Journal of Speech Science*, v. 5, n. 2, p. 47-86, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/joss.v5i2.15064> em: 20 set. 2026.

SERRA, Carolina Ribeiro. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura*. 2009. 241 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SONCIN, Geovana; TENANI, Luciani. Emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 473-493, 2015. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v17i2p473-493>.

SONCIN, Geovana. *Língua, discurso e prosódia: investigar o uso da vírgula é restrito? Vírgula!* 2014. 311 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2014.

TENANI, Luciani. *Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II*. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, 2015. Disponível em: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>. Acesso em: 30 ago. 2026.

TENANI, Luciani. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. 2002. 331 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TENANI, Luciani. *Sobre fronteiras: prosódia, escrita e palavras*. Araraquara: Letraria, 2021. E-book. Disponível em: <https://www.letraria.net/sobre-fronteiras-prosodia-escrita-e-palavras/>. Acesso em: 30 ago. 2026.

TENANI, Luciani; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. *Fonética e Fonologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2026.